

DIMENSÕES SUBJETIVAS DA APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A PRÁTICA DO COACH EDUCACIONAL

Maria Elizangela Oliveira da Silva Mota¹;

DuAr Cursos Online (DuAr), Rio Branco, Acre.

RESUMO: Este estudo analisa as dimensões subjetivas da aprendizagem sob a ótica psicanalítica, buscando compreender como o inconsciente interfere no processo educativo e na prática do coaching educacional. Parte-se da premissa de que o aprender transcende o aspecto técnico-cognitivo, moldado por desejos, conflitos psíquicos e experiências emocionais do aprendiz. Nessa perspectiva, dificuldades como bloqueios e ansiedade são interpretadas como manifestações subjetivas que exigem uma escuta sensível e fundamentada. A aplicação de conceitos psicanalíticos à educação amplia a compreensão dos obstáculos enfrentados pelos aprendizes, superando abordagens centradas exclusivamente em metas e desempenho. No coaching educacional, esse olhar promove uma prática mais ética e humanizada, permitindo ao profissional reconhecer que certos bloqueios não se resolvem apenas com motivação ou planejamento. O coach passa a atuar como mediador que respeita a singularidade do sujeito, oferecendo um espaço de escuta para que o aprendiz ressignifique sua relação com o conhecimento. Trata-se de pesquisa bibliográfica, com produções científicas publicadas entre 2021 e 2026, consultadas em bases como SciELO, CAPES e Google Acadêmico. A análise interpretativa dos dados permitiu concluir que integrar a subjetividade e o referencial psicanalítico ao coaching educacional fortalece a prática profissional, tornando as intervenções mais humanizadas e condizentes com a complexidade da educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Coach Educacional. Psicanálise.

SUBJECTIVE DIMENSIONS OF LEARNING: PSYCHOANALYTIC CONTRIBUTIONS TO EDUCATIONAL COACHING PRACTICE

ABSTRACT: This study examines the subjective dimensions of learning through a psychoanalytic lens, seeking to understand how the unconscious interferes with the educational process and the practice of educational coaching. The underlying premise is that learning transcends the technical-cognitive domain, being shaped by the learner's desires, psychic conflicts, and emotional experiences. From this perspective, difficulties such as learning blocks and anxiety are interpreted as subjective manifestations that demand a sensitive and theoretically grounded form of listening. The application of psychoanalytic

concepts to education broadens the understanding of the obstacles faced by learners, moving beyond approaches exclusively centered on goals and performance outcomes. In educational coaching, this orientation fosters a more ethical and humanized practice, enabling the professional to recognize that certain blocks cannot be resolved through motivation or planning alone. The coach thus assumes the role of a mediator who respects the singularity of the subject, offering a space of attentive listening through which the learner may resignify their relationship with knowledge. This is a bibliographic study drawing on scientific literature published between 2021 and 2026, retrieved from databases including SciELO, CAPES, and Google Scholar. The interpretive analysis of the data led to the conclusion that integrating subjectivity and psychoanalytic theory into educational coaching strengthens professional practice, rendering interventions more humanized and attuned to the complexity of contemporary education.

KEY-WORDS: Learning. Educational Coaching. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um fenômeno multifacetado que ultrapassa a simples aquisição de conteúdos, envolvendo dimensões cognitivas, emocionais e subjetivas do sujeito em formação. Embora o campo educacional venha historicamente privilegiando estratégias pedagógicas centradas em métodos e técnicas, aspectos subjetivos como desejo, ansiedade, resistência e conflitos internos frequentemente influenciam o desempenho e a trajetória do aprendiz.

A psicanálise, enquanto campo que prioriza a compreensão do funcionamento psíquico e das dinâmicas inconscientes, oferece um referencial teórico que permite desvelar como fatores subjetivos moldam a experiência educativa, influenciando tanto o processo de aprendizagem quanto as relações estabelecidas entre educador e educando.

Nesse contexto, a prática do coach educacional, orientada para o desenvolvimento de competências, a definição de metas e a ampliação do potencial do aprendiz, pode se beneficiar significativamente de uma abordagem que considere a subjetividade em sua integralidade. A identificação e a interlocução com elementos psíquicos que operam além da consciência explícita que, como defesas, blocos emocionais e modos de funcionamento relacional pode tornar o processo de coaching mais sensível às singularidades de cada sujeito.

Assim, a articulação entre psicanálise e coaching educacional não só enriquece a compreensão do processo de aprendizagem, como também propicia um trabalho mais aprofundado sobre limitações, medo do fracasso e outros entraves subjetivos que afetam a trajetória dos aprendizes.

A escolha do tema “Dimensões subjetivas da aprendizagem: contribuições da Psicanálise para a prática do Coach Educacional” justifica-se pela necessidade de ampliar o olhar sobre o sujeito em processo de aprendizagem para além de indicadores comportamentais e metas de desempenho.

Em cursos de formação de coach educacional, há uma lacuna no tratamento das esferas subjetivas que, embora silenciosas, exercem papel determinante na motivação, no engajamento e na capacidade de superar resistências internas. Integrar referências psicanalíticas contribui para a formação de profissionais mais preparados para lidar com nuances emocionais, promovendo uma atuação ética, empática e eficaz diante dos desafios que emergem na prática de coaching.

OBJETIVO

Analisar como os constructos psicanalíticos relacionados à subjetividade podem contribuir para a prática do coach educacional, ampliando a compreensão das dimensões emocionais que influenciam o processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, de natureza básica, exploratória, tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, voltada à análise de literatura especializada publicada entre 2021 e 2026.

A coleta de dados envolveu a busca por publicações disponíveis em bases de dados acadêmicas como SciELO, CAPES e Google Acadêmico. Os critérios de inclusão considerarão estudos que abordem psicanálise aplicada à educação, subjetividade no processo de aprendizagem e interface entre coaching e dimensões emocionais.

A análise dos textos selecionados será conduzida de forma temática, buscando identificar padrões, contribuições teóricas e repertório conceitual que sustentem a argumentação central do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura psicanalítica contemporânea aponta que o processo de aprendizagem é atravessado por mecanismos subjetivos que extrapolam a dimensão cognitiva, envolvendo aspectos inconscientes que influenciam a relação do sujeito com o saber. Para Freud (2011), o aprender está intimamente ligado ao desejo, de modo que o investimento libidinal no objeto de conhecimento é condição fundamental para que a aprendizagem se efetive. Assim, quando o desejo se encontra bloqueado por conflitos psíquicos não elaborados, o sujeito pode manifestar dificuldades persistentes no processo educativo, mesmo quando dispõe de condições objetivas favoráveis.

Entre os mecanismos subjetivos mais recorrentes destacados na literatura está a resistência, compreendida como uma força inconsciente que se opõe à mudança e à elaboração psíquica. No contexto da aprendizagem, a resistência pode se expressar por meio de procrastinação, desinteresse aparente ou sabotagem do próprio desempenho acadêmico. Conforme aponta Laplanche e Pontalis (2016), a resistência não deve ser interpretada como mera falta de vontade, mas como um mecanismo de defesa que protege o sujeito de conteúdos psíquicos ameaçadores, frequentemente associados ao medo do fracasso ou à exposição de fragilidades.

Outro conceito fundamental é o de transferência, originalmente formulado no campo clínico, mas amplamente discutido em sua aplicação aos contextos educacionais. A transferência refere-se à repetição inconsciente de vínculos afetivos anteriores nas relações atuais, podendo o educador ou o coach ocupar lugares simbólicos associados a figuras parentais ou de autoridade. Segundo Kupfer (2021), essa dinâmica influencia diretamente o modo como o aprendiz se posiciona frente ao conhecimento, podendo favorecer ou dificultar a aprendizagem, a depender da natureza dos afetos mobilizados.

A psicanálise contemporânea também enfatiza o papel do conflito intrapsíquico como elemento estruturante da subjetividade e, conseqüentemente, do aprender. Tais conflitos emergem da tensão entre desejos, normas internalizadas e exigências externas, podendo gerar sintomas que interferem na capacidade de concentração, memória e engajamento (Birman, 2020, p. 18).

De acordo com Birman (2020), a escola e outros espaços formativos frequentemente se tornam cenários privilegiados para a manifestação desses conflitos, sobretudo em sujeitos que vivenciam experiências de fracasso escolar reiterado.

Além disso, a literatura destaca a ansiedade como um afeto central no processo de aprendizagem. A ansiedade, quando excessiva, compromete a capacidade simbólica do sujeito, dificultando a elaboração do conhecimento e favorecendo respostas defensivas, como o bloqueio cognitivo. Winnicott (2019) argumenta que ambientes educativos pouco acolhedores tendem a intensificar estados ansiosos, enquanto contextos que oferecem segurança emocional possibilitam maior liberdade psíquica para aprender.

Outro mecanismo relevante identificado é a repetição, entendida como a tendência inconsciente de reviver experiências passadas não simbolizadas. No campo educacional, a repetição pode se manifestar na recorrência de padrões de fracasso ou evasão, mesmo diante de novas oportunidades de aprendizagem. Segundo Freud (2010), a compulsão à repetição indica a presença de conteúdos psíquicos não elaborados, que retornam sob a forma de atos, afetando negativamente o percurso formativo do sujeito.

A noção de identificação também ocupa lugar central nas análises psicanalíticas sobre aprendizagem. O aprendiz constrói sua relação com o saber a partir das identificações que estabelece com figuras significativas, como professores, colegas ou modelos idealizados (Lacan, 1998, p. 71).

Conforme destaca Lacan (1998), a identificação estrutura o desejo do sujeito, influenciando tanto sua motivação quanto suas expectativas em relação ao próprio desempenho acadêmico. A literatura recente também aponta para a importância do sentido atribuído ao aprender, que está profundamente relacionado à história subjetiva do indivíduo. Quando o conhecimento é percebido como algo imposto ou desvinculado da experiência singular do sujeito, tende a gerar resistência e desinvestimento. Autores como Charlot (2022) ressaltam que a relação com o saber é construída social e psiquicamente, sendo atravessada por valores, afetos e experiências anteriores.

No âmbito da psicanálise aplicada à educação, destaca-se ainda o conceito de escuta, entendido como uma postura ética que reconhece o sujeito para além de seus sintomas ou desempenhos. Essa escuta permite identificar os significados inconscientes atribuídos às dificuldades de aprendizagem, evitando interpretações reducionistas. Segundo Kupfer (2021), reconhecer a dimensão subjetiva do aprender implica admitir que nem todo obstáculo pode ser resolvido por métodos técnicos ou motivacionais.

Por fim, a análise da literatura evidencia que os mecanismos subjetivos que impactam a aprendizagem não devem ser compreendidos como entraves a serem eliminados, mas como manifestações legítimas da singularidade do sujeito. Integrar esse entendimento ao campo educacional favorece práticas mais humanizadas e éticas, capazes de respeitar o tempo psíquico do aprendiz. Assim, a psicanálise oferece contribuições relevantes para a compreensão profunda dos processos de aprendizagem, ao iluminar aspectos invisibilizados por abordagens exclusivamente cognitivas ou comportamentais.

A integração dos mecanismos subjetivos identificados pela psicanálise ao coaching educacional exige, primeiramente, a ampliação da compreensão do papel do coach para além de um facilitador de metas e resultados. Quando o coach reconhece que resistências, ansiedades e conflitos intrapsíquicos atravessam o processo de aprendizagem, sua intervenção deixa de ser exclusivamente instrumental e passa a considerar o sujeito em sua complexidade psíquica. Segundo Whitmore (2019), o coaching eficaz pressupõe consciência e responsabilidade, dimensões que se ampliam quando o profissional compreende os determinantes subjetivos do comportamento do aprendiz.

Nesse sentido, a resistência, frequentemente observada em processos de coaching educacional, pode ser reinterpretada não como falta de comprometimento, mas como manifestação de conflitos inconscientes. A escuta atenta permite ao coach identificar quando a dificuldade em avançar nas metas está associada a medos profundos, como o fracasso ou a perda de reconhecimento. Conforme Laplanche e Pontalis (2016), a resistência cumpre

uma função defensiva, e sua consideração nas intervenções evita práticas coercitivas ou excessivamente motivacionais, que tendem a reforçar bloqueios emocionais.

A transferência também ocupa lugar central na prática do coaching educacional, uma vez que o vínculo estabelecido entre coach e aprendiz pode mobilizar afetos originados em relações anteriores. O reconhecimento dessa dinâmica possibilita ao coach sustentar uma postura ética, evitando interpretações personalizadas ou relações de dependência. Kupfer (2021) destaca que, ao compreender a transferência, o profissional consegue utilizar o vínculo como ferramenta de sustentação do processo, sem se colocar como detentor do saber ou salvador do aprendiz.

Outro aspecto fundamental refere-se ao manejo da ansiedade no contexto das intervenções de coaching. A pressão por desempenho, metas e resultados pode intensificar estados ansiosos, comprometendo a capacidade reflexiva do aprendiz. Nesse cenário, o coach que incorpora um olhar psicanalítico compreende a necessidade de respeitar o tempo psíquico do sujeito, ajustando o ritmo das intervenções. Winnicott (2019) enfatiza que ambientes suficientemente seguros favorecem a criatividade e a aprendizagem, princípio que pode ser transposto para o setting do coaching educacional.

A consideração dos conflitos intrapsíquicos também contribui para que o coach compreenda comportamentos aparentemente contraditórios, como o desejo declarado de melhorar o desempenho escolar acompanhado de atitudes de autossabotagem. Birman (2020) aponta que tais contradições são constitutivas da subjetividade e não devem ser tratadas como incoerências morais. Ao reconhecer essa dinâmica, o coach pode favorecer processos de reflexão que auxiliem o aprendiz a simbolizar suas dificuldades, em vez de apenas corrigi-las.

Anoção de repetição, quando integrada ao coaching educacional, permite compreender a recorrência de padrões de insucesso ou desistência como sinais de experiências não elaboradas. O coach, ao identificar tais repetições, pode favorecer intervenções que promovam a conscientização desses ciclos, sem assumir uma postura terapêutica. Freud (2010) destaca que a repetição se manifesta nos atos quando a elaboração simbólica falha, o que reforça a importância de intervenções que favoreçam a reflexão e a elaboração subjetiva.

Outro elemento relevante é a identificação, que influencia diretamente a motivação e o engajamento do aprendiz no processo de coaching. O coach pode funcionar como uma figura de referência simbólica, favorecendo identificações positivas com o aprender e com o próprio potencial. Lacan (1998) aponta que o desejo se estrutura a partir das identificações, o que torna fundamental que o coach sustente uma postura que estimule a autonomia, evitando idealizações excessivas ou dependência emocional.

A integração dos mecanismos subjetivos ao coaching educacional também implica reconhecer os limites da atuação profissional. Diferentemente da clínica psicanalítica, o coaching não tem como objetivo a análise profunda do inconsciente, mas pode se

beneficiar de seus conceitos para compreender melhor os obstáculos apresentados pelo aprendiz. Segundo Grant (2020), práticas de coaching éticas reconhecem quando determinadas demandas extrapolam o escopo da intervenção, indicando a necessidade de encaminhamentos adequados.

Além disso, considerar a subjetividade nas intervenções de coaching educacional contribui para a construção de metas mais realistas e significativas. Quando o aprendiz participa ativamente da definição de seus objetivos, considerando seus desejos, medos e possibilidades, o processo tende a ser mais sustentável. Charlot (2022) ressalta que a relação com o saber é atravessada por sentidos subjetivos, o que reforça a importância de metas que dialoguem com a história e o contexto do sujeito.

Por fim, a análise da literatura evidencia que a integração dos mecanismos subjetivos nas intervenções de coaching educacional promove uma prática mais humanizada, reflexiva e ética. Ao reconhecer que aprender envolve conflitos, afetos e desejos inconscientes, o coach amplia sua capacidade de intervenção, respeitando a singularidade do aprendiz. Dessa forma, o diálogo entre psicanálise e coaching educacional fortalece práticas que não se limitam ao desempenho, mas que contribuem para o desenvolvimento integral do sujeito em processo de aprendizagem.

A incorporação do referencial psicanalítico ao coaching educacional apresenta contribuições significativas ao ampliar a compreensão do sujeito em processo de aprendizagem. Diferentemente de abordagens centradas exclusivamente em desempenho e metas, a psicanálise possibilita reconhecer que dificuldades educacionais estão frequentemente associadas a conflitos subjetivos, afetos inconscientes e experiências emocionais pregressas. Segundo Birman (2020), essa ampliação do olhar contribui para práticas mais sensíveis à complexidade humana, evitando reducionismos que responsabilizam exclusivamente o indivíduo por seus fracassos.

Uma das principais contribuições do referencial psicanalítico reside na valorização da escuta e da singularidade do sujeito. No coaching educacional, essa perspectiva favorece intervenções que respeitam o ritmo psíquico do aprendiz e reconhecem que nem todos os obstáculos são superáveis por meio de técnicas motivacionais. Kupfer (2021) destaca que reconhecer a subjetividade implica admitir a existência de limites estruturais no processo educativo, o que fortalece uma atuação mais ética e menos normativa por parte do profissional.

Outro aspecto positivo é a possibilidade de compreender manifestações como resistência, ansiedade e autossabotagem não como falhas de caráter ou falta de engajamento, mas como expressões legítimas de conflitos internos. Essa compreensão contribui para reduzir práticas culpabilizantes e autoritárias no coaching educacional. Conforme Laplanche e Pontalis (2016), os mecanismos defensivos desempenham papel fundamental na economia psíquica do sujeito, sendo necessário respeitá-los para que qualquer processo de mudança seja sustentável.

Entretanto, apesar de suas contribuições, a aplicação do referencial psicanalítico ao coaching educacional apresenta limites importantes que precisam ser considerados. O principal deles refere-se à distinção entre o campo clínico e o campo educacional. A psicanálise, enquanto prática terapêutica, possui objetivos, métodos e enquadres específicos que não podem ser integralmente transpostos para o coaching sem riscos éticos. Freud (2011) alerta que a análise do inconsciente exige formação rigorosa e setting adequado, o que não corresponde às atribuições do coach educacional.

Nesse sentido, há o risco de que o coach, ao se apropriar de conceitos psicanalíticos sem a devida formação, ultrapasse os limites de sua atuação profissional, assumindo uma postura terapêutica indevida. Grant (2020) enfatiza que práticas éticas de coaching pressupõem clareza de papéis e respeito às fronteiras profissionais, incluindo o reconhecimento de situações que demandam encaminhamento a profissionais da saúde mental.

Outro limite relevante refere-se à possibilidade de dependência emocional ou idealização excessiva do coach por parte do aprendiz, especialmente quando dinâmicas transferenciais não são devidamente manejadas. A transferência, quando não reconhecida, pode gerar relações assimétricas e comprometer a autonomia do sujeito. Assim, o coach educacional deve sustentar uma postura que favoreça a responsabilização do aprendiz por seu próprio processo, evitando ocupar o lugar de autoridade absoluta ou de figura salvadora (Lacan, 1998, p; 99).

Do ponto de vista ético, a integração da psicanálise ao coaching educacional exige compromisso com princípios como sigilo, respeito à singularidade e não patologização das dificuldades de aprendizagem. Segundo Winnicott (2019), intervenções que desconsideram o contexto emocional do sujeito tendem a reforçar estados de sofrimento psíquico, o que reforça a necessidade de prudência e sensibilidade nas práticas educativas e formativas.

Além disso, é fundamental reconhecer que nem todas as dificuldades educacionais possuem origem predominantemente subjetiva. Fatores sociais, econômicos e institucionais também impactam significativamente o processo de aprendizagem. Charlot (2022) ressalta que a relação com o saber é construída em contextos sociais concretos, o que impede interpretações exclusivamente psicologizantes ou individualizantes dos problemas educacionais.

Dessa forma, o referencial psicanalítico deve ser compreendido como um aporte complementar, e não como explicação totalizante do processo de aprendizagem. Sua contribuição está em iluminar dimensões invisibilizadas por abordagens técnicas, sem substituir análises pedagógicas, sociais e institucionais. Essa articulação favorece uma prática de coaching educacional mais integrada e responsável.

Por fim, a avaliação das contribuições e limites da psicanálise no coaching educacional evidencia-se que sua incorporação exige formação teórica sólida, postura ética e constante reflexão crítica. Quando utilizada com discernimento, a psicanálise amplia a capacidade do coach de compreender entraves subjetivos e promover intervenções mais humanizadas. Contudo, seus limites reforçam a importância de respeitar fronteiras profissionais, assegurando que o coaching educacional permaneça comprometido com o desenvolvimento do aprendiz sem assumir funções terapêuticas indevidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar de que maneira os constructos psicanalíticos relacionados à subjetividade podem contribuir para a prática do coaching educacional, ampliando a compreensão das dimensões emocionais que influenciam o processo de aprendizagem. Ao longo do estudo, foi possível evidenciar que aprender não se restringe à aquisição de conteúdo ou ao cumprimento de metas, mas envolve processos psíquicos complexos, atravessados por desejos, conflitos e afetos inconscientes que interferem diretamente no engajamento e no desempenho do aprendiz.

A análise da literatura psicanalítica contemporânea permitiu identificar diversos mecanismos subjetivos que impactam a aprendizagem, tais como resistência, transferência, ansiedade, repetição e conflitos intrapsíquicos. Esses elementos, muitas vezes invisibilizados por abordagens pedagógicas tradicionais, revelam que dificuldades educacionais não devem ser interpretadas exclusivamente como falhas cognitivas ou comportamentais, mas como expressões da singularidade do sujeito em sua relação com o saber.

No que se refere à integração desses mecanismos nas intervenções de coaching educacional, o estudo evidenciou que a incorporação de um olhar psicanalítico possibilita práticas mais sensíveis e humanizadas. Ao reconhecer os entraves subjetivos presentes no percurso do aprendiz, o coach amplia sua capacidade de escuta e de intervenção, evitando abordagens excessivamente normativas ou motivacionais que desconsideram o tempo psíquico e a história singular de cada indivíduo.

Os resultados também indicam que o manejo ético da transferência e da resistência constitui um diferencial importante no coaching educacional. Quando o coach compreende essas dinâmicas, consegue sustentar vínculos profissionais mais equilibrados, favorecendo a autonomia do aprendiz e evitando relações de dependência emocional. Dessa forma, o processo de coaching deixa de ser centrado exclusivamente em resultados imediatos, passando a considerar o desenvolvimento integral do sujeito.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou limites importantes na aplicação do referencial psicanalítico ao coaching educacional. Destaca-se, sobretudo, a necessidade de respeitar as fronteiras entre o campo educacional e o clínico, evitando a transposição indevida de práticas terapêuticas para o contexto do coaching. O desconhecimento desses

limites pode comprometer tanto a ética profissional quanto a efetividade das intervenções.

Do ponto de vista ético, torna-se imprescindível que o coach educacional reconheça quando determinadas demandas extrapolam sua área de atuação, realizando encaminhamentos adequados a profissionais especializados. Essa postura não fragiliza o trabalho do coach, mas reforça sua responsabilidade profissional e seu compromisso com o bem-estar do aprendiz, preservando a integridade do processo formativo.

A hipótese central deste estudo foi confirmada ao evidenciar que a incorporação de conceitos psicanalíticos, como resistência, transferência e conflito intrapsíquico, potencializa a capacidade do coach educacional de identificar e trabalhar entraves emocionais que interferem na aprendizagem. Contudo, essa incorporação deve ocorrer de forma crítica, reflexiva e ética, reconhecendo que a psicanálise atua como um aporte teórico complementar, e não como fundamento exclusivo da prática de coaching.

Além disso, o estudo reforça que as dificuldades de aprendizagem não podem ser compreendidas de forma isolada, sendo atravessadas por fatores subjetivos, sociais, institucionais e culturais. Assim, a articulação entre psicanálise, educação e coaching educacional contribui para uma compreensão mais ampla e contextualizada do processo educativo, evitando interpretações reducionistas ou individualizantes.

Como contribuição teórica, este artigo amplia o diálogo entre psicanálise e coaching educacional, evidenciando a relevância da subjetividade no processo de aprendizagem. No âmbito prático, oferece subsídios para a formação de coaches educacionais mais preparados para lidar com nuances emocionais, promovendo intervenções mais éticas, empáticas e condizentes com a complexidade da educação contemporânea.

Por fim, ressalta-se a importância de futuras pesquisas empíricas que investiguem a aplicação concreta desses referenciais na prática do coaching educacional, analisando seus impactos em diferentes contextos formativos. Tais estudos poderão aprofundar as discussões aqui apresentadas, contribuindo para o aprimoramento contínuo de práticas educativas que reconheçam o sujeito como protagonista de seu processo de aprendizagem, em sua totalidade psíquica, social e emocional.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2022.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GRANT, Anthony M. The third generation of coaching: toward a holistic approach. **Coaching: An International Journal of Theory, Research and Practice**, v. 13, n. 1, p. 37–45, 2020.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2021.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WHITMORE, John. **Coaching para performance**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2019.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 2019.